



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARIA THEREZA MILHOMEN DA CUNHA SILVA

ESTÉTICAS NEGRAS COMO MECANISMO DE REPRESENTAÇÃO

São Luís/MA

2021

MARIA THEREZA MILHOMEN DA CUNHA SILVA

Estéticas negras como mecanismo de representação

Curso de graduação em Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de bacharel em Psicologia,
orientado pelo prof. Dr. Ramon Luis de
Santana Alcântara

UFMA

Abril-2021

MARIA THEREZA MILHOMEN DA CUNHA SILVA

ESTÉTICAS NEGRAS COMO MECANISMO DE REPRESENTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do título de bacharel em Psicologia
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão-UFMA

Aprovado em:

Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara

Orientador

Prof. Dra. Rosane de Sousa Miranda

Banca Examinadora

Prof. Me. Márcio dos Santos Rodrigues

Banca Examinadora

Prof. Dra. Cláudia Aline Soares Monteiro

Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela vida e por ter regido tantos bons encontros no meu percurso de vida.

Agradeço à minha mãe Jaqueline por me apoiar nas minhas escolhas, como a que fiz pelo curso de graduação em Psicologia, assim como quando decidi trancar o curso, e ao retornar para concluir a graduação. À minha psicóloga Nayara Lindoso, desde os primeiros anos da minha graduação, pela escuta, e por ter me acolhido e acompanhado nesta caminhada.

Ao professor Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara, agradeço por ser sua orientanda. Foi um bom encontro na vida, de afinidade, desde o início, sempre transmitiu segurança e tranquilidade, fundamental para a realização deste trabalho. Aos meus amigos da graduação em Psicologia, Vinicius, Andressa, Emanuelle, Nathalia, Alberto, Elias, Pedro, e tantos outros de outros cursos, Luiza, Jarina, Jaffi, Larissa, com quem aprendi tanto, e cresci junto, cada um compartilhando da sua maneira, forma de viver e enxergar o mundo, foram tão importantes no dia a dia do curso, deixando-os mais leves, e compartilhando sonhos juntos “quem tem um amigo tem tudo”, mesmo!

Agradeço ao prof. Dr. Plinio Santos Fontenelle do Departamento de Filosofia da UFMA, sempre tão amável, dedicado, e com tanta sensibilidade às produções artísticas, pela oportunidade de ter feito parte do seu grupo do PIBIC de estudos sobre Maurice Merleau-Ponty. Os encontros de leitura e discussão da obra Fenomenologia da Percepção, aprendi muito, guardarei sempre. O “ser-aí”, “lançado no mundo” e o “sujeito perceptivo” ficaram gravados na minha memória. Além as amizades conquistadas Andressa, Thiago, Elias os quais compartilham tanto quanto eu o gosto de estudar estética.

Meus agradecimentos a todos os professores do Departamento de Psicologia da UFMA, pelo conhecimento e pela troca, e agora, ao terminar o curso, entendo o quanto as exigências para a leitura dos textos, participação nas aulas, e uma vida acadêmica presente são importantes durante e após a graduação.

“Os que têm a sensibilidade e a frieza na hora de olhar o mundo serão os responsáveis pelos outros olhares. Os que nada temem serão responsáveis por corajosos e covardes. Ser a força, o amor, o poder, a sabedoria... E a luta pela liberdade só acabe quando ela for encontrada, para que a nossa poesia não seja mais escrita com sangue”. Letra de "Movimento", com Polly Marinho, CHS & BK.

Resumo

O trabalho discute os conceitos de representação, identidade e autoestima negra, e faz uma análise sobre produções da Psicologia sobre o tema, relacionando a categoria étnico-racial e os processos de formação identitária. Usa da metodologia do ensaio e relaciona a história da arte e seu processo de representação da beleza, com ênfase no processo de apagamento histórico da cultura e subjetividade negras nas produções artísticas, e suas consequências para o imaginário da população negra, com base nos estudos teóricos decoloniais de Walter Dignolo sobre *aesthesis* decolonial. A produção procura compreender como a Psicologia tem buscado responder ao tema da saúde mental negra, com enfoque nas consequências psíquicas do racismo para a pessoa negra. Apresenta produções de artistas negros, que discutem as temáticas do racismo, identidade e beleza negras, como mecanismo de trabalho do profissional psicólogo e material facilitador na escuta e trabalho desse sujeito negro que sofre racismo, e não tem referências estéticas para a construção de sua identidade e negritude. A pesquisa observou que ainda é escassa a produção acadêmica da Psicologia sobre identidade negra e saúde mental negra, e acredita que esse estado é consequência do racismo estrutural presente nas instituições e na produção de conhecimento. O trabalho considera que a atuação do psicólogo que almeja trabalhar com saúde mental da pessoa negra deve posicionar-se politicamente, com atitude antirracista, no processo psicoterápico e fora desse ambiente, questionando seu fazer profissional, seus referenciais teóricos e subjetividade. O estudo analisou como as representações artísticas, as estéticas e representações negras são possibilidades de aproximação do profissional psicólogo com o sujeito negro, e mecanismos de suas (re)existências.

Palavras-chave: Identidade negra; Representação negra; Autoestima negra;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Livro Amoras

Figura 2- A salvação das almas? Impressão digital sobre tecido e costura. 29,0 x 58,0 cm. 2017. Imagem 6 de 34.

Figura 3- Afetocolagem

Figura 4- Híbrida Astral - Guardiã Brasileira

LISTA DE ABREVIações

CFP- Conselho Federal de Psicologia

ECA/USP- Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

MU.ITA- Museu Itamar Assumpção

PUCSP- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SUS- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- CONCEITOS SOBRE REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E AUTOESTIMA NEGRA.....	16
1.1 Representação na arte.....	18
2- ARTE NEGRA, ESTÉTICA NEGRA.....	22
3- PSICOLOGIA, ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL PARA POPULAÇÃO NEGRA.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O trabalho vem de um interesse por produções que abordam a questão da estética negra e o aumento da veiculação em canais de mídia televisiva, mídias virtuais, livros infantis, músicas, clipes e artistas que trazem a questão da beleza negra como importante no processo de formação da identidade e autoestima. Parte dessa veiculação trabalha na perspectiva do empoderamento. A temática da beleza, seja nas características fenotípicas de pessoas, com a sua expressão, por meio do cabelo crespo, tranças, roupas, hoje é um assunto que está em maior visibilidade com o aumento de produtos de beleza, salões afro, roupas, músicas e na indústria do entretenimento.

Importante dizer que elas existem, ou foram formadas há muito tempo, por exemplo na música, o samba é definido como manifestação cultural negra, é ancestral dos grupos de pessoas negras que foram escravizadas e traficadas do continente africano. É observado em seu ritmo, e nas temáticas abordadas, que seus compositores e intérpretes, pessoas negras, retratam a vida da maioria da população negra no país, as dificuldades sociais e financeiras vivenciadas, além da importância do próprio samba. Pois como afirma Vinicius de Moraes e Toquinho, na música Samba da Benção, “o bom samba é uma forma de oração”, que consegue unir esse grupo que tem experiências em comum, transmitindo, como uma “herança” para que seja lembrada as suas histórias, sua cultura. E hoje essa atitude de transmissão e de resgate é observada também em outras áreas de representação da cultura negra.

Considero a ação de olhar uma forma de sentir e estar no mundo, como também um instrumento para representar o que nos circula. É pelo encontro do olhar que reconhecemos o diferente, e semelhante, e vemos que existe diversidade de formas de ser e existir. O olhar é capaz de gerar sensações que mais tarde, somos capazes de deliberar como prazerosas ou não. Criamos afeição, ao nos identificarmos com grupos e suas culturas, e acabamos por nos “definir” como pertencentes a determinada etnia, grupo social, religioso, racial, político.

Ao trabalhar a questão da identidade racial, esse processo também ocorre por esse contato com o mundo, porém categorias estão relacionadas à construção de identidade, como representação, cultura e a estética, que trabalha a forma e conteúdo da produção construída.

A questão do belo, presente na Filosofia, e que é o objeto da estética, também segue esse mesmo processo, pois por meio do julgamento estético esse “olhar do mundo”,

ou melhor “no mundo”, externo ao sujeito, está presente na formação da identidade. A questão é: com que “olhos” temos enxergado o belo?

A obra “Pele negra, máscaras brancas” de Frantz Fanon (2008) faz uma crítica às consequências do processo colonizador ao psiquismo das populações colonizadas e a sua continuidade no período pós-colonial. O Brasil foi por muito tempo uma colônia portuguesa, e como outros países obteve sua independência, mas continuou em um estado de colonização de seu modo de viver, na cultura, padrões de comportamento e imagem. Pode-se afirmar que olhamos o mundo pelos olhos dos nossos colonizadores, e estes possuem um olhar eurocêntrico, racista e colonial.

Ao pensar em uma imagem de ser humano, buscamos representações do que é o humano, as características que lhe são inerentes. Como afirma Fanon (2008), ao pensar em uma imagem bela de um humano, observamos que muitos encontrarão seu igual, ou representações aproximadas de si, com a sua cor, estatura, forma, proporção. Já o sujeito colonizado ao buscar no imaginário essas representações, não encontra refletido o seu igual, e sim o seu diferente.

Indo além, temos a arte, como forma de representar e que se utiliza da estética, que é um regime que analisa o belo, como afirma Gomes (2014), para fazer a distinção entre o que é arte e o que não é, empregando uma categorização ontológica, do que é humano ou não. Ao se fazer a questão de quem define o que é arte, percebo que esse julgamento estético e artístico tem ainda sido feito por um olhar branco, europeu. Exemplo das atuais políticas realizadas pelo Ministério da Cultura brasileiro, que tem estereotipado das diversas manifestações artísticas, e culturais presentes no país, e promovido poucas políticas de incentivo cultural para a divulgação dessas manifestações.

No Brasil, por exemplo, tivemos contato com movimentos artísticos europeus, como o classicismo, cubismo, surrealismo. Isso não quer dizer que essa arte seja genuinamente europeia, pois há uma relação de influência de outras manifestações, contudo não estudamos movimentos artísticos africanos, indígenas, e quando o fazemos, essa arte é julgada com o olhar do colonizador, o qual sempre tivemos acesso. Fica relegado a essas outras manifestações artísticas o lugar do folclórico, ou que retrata uma história passada, que não se atualiza, não podendo ser relacionada aos dias atuais.

Em “Aisthesis decolonial”, Mignolo (2010) afirma que ao estudar a aisthesis, no caso, a sensação ao observar uma obra de arte, estão em jogo também os conceitos de ser (ontologia), sentir (aestesis) e conhecer (epistemologia). Pois a obra de arte é um instrumento que convida para conhecer visões de mundo. Logo, para o autor não existe

uma estética, mais sim estéticas, e enquanto houver somente “estética” não podemos afirmar que esse juízo será sem preconceitos e discriminações.

No caso desse estudo, o seu enfoque será na relação entre reconhecimento, identidade e autoestima da pessoa negra, que vive em uma sociedade na qual está estruturada pelo racismo, inferiorizando sua imagem.

O histórico dos estudos sobre identidade na Psicologia, segundo Laurenti e Barros (2000) teve inicialmente o termo identidade relacionado ao conceito de personalidade. As ações dos indivíduos, seu “modo de ser”, eram relativos também à sua identidade. As autoras afirmam também que esses estudos sobre identidade variaram de interesse, nos períodos históricos, com maior interesse na antiguidade clássica, e menor no período feudal. Há também estudos sobre a dicotomia entre identidade pessoal e/ou identidade social, que acredita em uma origem diferente para essas identidades. Outro estudo discute, por meio da visão sócio-histórica de sujeito, a representação da identidade como produto (LAURENTI; BARROS, 2000).

No livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall (1987, p.13) afirma que “a identidade é definida historicamente, e não biologicamente”, logo identidade é uma constante construção e é resultado da relação do sujeito com os grupos sociais. A ideia de “uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 1987, p. 13), pois ocorre uma identificação pelo sujeito, pelo menos temporária, ao reconhecer-se com diversas identidades, ao longo de sua vida. Então é importante o sujeito entrar em contato com uma diversidade de produções artísticas negras, por exemplo, para que a formação dessa identidade seja resultado do conhecimento dessas diversas estéticas.

Destaco que a arte pode ser uma ferramenta à prática da psicóloga no combate ao preconceito, entendendo como os sujeitos são afetados ou sensíveis para construir demandas relacionadas à identidade e autoimagem com esse contato. É relevante para analisar como a pessoa negra realiza o julgamento estético dessas obras, na posição protagonista de análise do que lhe parece semelhante, igual ou até diferente. Contrariando a ideia que ainda persiste em colocar esses indivíduos como objetos a serem analisados.

Concordo com o pensamento de Stuart Hall (1987) que afirma “raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica, um conjunto de práticas, costumes, pouco específicos”. Entendendo que produções culturais são reflexos de seu momento histórico e resultado de discursos ideológicos, mas considerando que a análise das

produções culturais de pessoas negras, com a temática negra, aproxima e auxilia na análise.

A psicóloga¹ tem com base na Resolução 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) o dever de combater as práticas racistas, compreendendo o racismo segundo Almeida (2019) que afirma ter carácter sistêmico, que produz condições de subalternidade e privilégios distribuídos entre grupos raciais, e está presente na política, economia, e relações cotidianas. A profissional deve também atuar para a promoção de políticas que promovam o respeito à diversidade racial presente no país. Logo a pesquisa é importante para o trabalho nesse assunto, discutindo temas que são caros à Psicologia, como identidade, e que ainda são pouco relacionadas à questão da estética e representação racial.

Sinto-me afetada pela temática da estética negra pois mesmo sendo uma pessoa de pele clara, não coloquei meu olhar no mundo apenas para as produções culturais brancas, pois considero que o Brasil, ou o Brasil daqueles que se colocam para vivenciá-lo, nos faz pensar sobre uma história de formação de identidade a partir de trocas culturais das diversas etnias que compõem o país. Devo parte dessa minha formação ao meu ensino fundamental, em que a escola tinha como método de ensino abordar produções culturais diversas, de São Luís, do Maranhão e do Brasil, por meio dos livros didáticos, paradidáticos, o diálogo com os agentes produtores e a apresentações dos próprios alunos, sobre as festas populares pesquisadas. Vejo que minha formação do mundo foi com base no conhecimento de várias formas de viver, pensar e ser, tornando-se essencial para a minha visão de mundo.

A temática da estética negra me chama a atenção pelo interesse em aprofundar meus estudos sobre o samba, o rap, as religiões de matriz africana. Deve-se igualmente ao Maranhão ser o segundo Estado do Brasil com a maioria da população autodeclarada negra. Também por ser ludovicense e viver em uma cidade que tem como característica a experiência de diversas manifestações culturais, como blocos afros de carnaval; ou religiosas, de prática sincrética, como a festa do Divino Espírito Santo, a presença de caixeiras, da Casa das Minas, e os festejos para São Benedito, santo de devoção na dança do Tambor de Crioula.

Produções culturais negras, como a dança, a culinária, o vocabulário, artes plásticas, a produção de conhecimento prático, científico também estiveram presentes no

¹Durante o texto foi uma opção variar o gênero assim, mas não há nenhuma relação direta ao que está sendo dito na escolha de manter às vezes no feminino e às vezes no masculino.

processo de formação da sociedade brasileira. Porém a população afrodescendente foi privada por muito tempo dessas informações, seja na formação escolar, social representativa, consequência do racismo presente no Estado e na sociedade, que os colocavam (e ainda colocam) como atores secundários, podendo causar na pessoa negra o sofrimento psíquico de desvalorização.

No curso de Psicologia estudei identidade e o processo clássico de formação. Porém, observei que as temáticas do racismo e do preconceito não foram relacionadas ao tema. Identifiquei a falta de estudos e práticas da psicóloga relacionando a arte como forma de atuar na compreensão do processo de formação da identidade da pessoa negra que sofre racismo.

Acredito ter uma sensibilidade pessoal pela arte e suas representações e percebo que artistas negros, da música, artes plásticas, têm buscado formas de resgatar ou construir uma identidade por meio da reinterpretação de manifestações culturais. Antes definidas como objeto de racismo e discriminação, hoje se busca novas identidades, como forma de viver em uma sociedade que lhe nega a própria existência.

A arte deve ser estudada como forma de expressão da subjetividade, pois está presente na constituição das identidades, da autoestima e no combate ao racismo. Sendo assim, a autoestima ultrapassa a ideia de uma atitude individual por aquele que sofre discriminação. Acredito ser uma ação coletiva de resgate, produção e formação de cultura, presente nos sujeitos que sofrem racismo e dos que acreditam existir estéticas diversas no mundo, pois sabem que a discriminação faz sofrer e impede o desenvolvimento humano.

Desta forma, traço como objetivo geral compreender a relação da estética negra presente na obra de arte com os processos de construção de representações, identidade e autoestima negra. Para tal, elenco como objetivos específicos: discutir os conceitos de representação, identidade e autoestima negra; analisar os conceitos de estética decolonial, estética negra e arte afro-brasileira; discutir as contribuições da Psicologia para a questão da identidade e autoestima da pessoa negra.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica a partir de obras que abordem as temáticas da identidade, estéticas e representações negras, e o ensaio teórico²

² No Projeto de TCC a metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas com artista e público consumidor de suas produções artísticas. Porém devido ao agravamento da situação da COVID-19 no país e levando em consideração situações sociais e nas nossas vidas individuais causadas pela pandemia, o contato com os participantes, mesmo que realizado de forma online, ficaria prejudicado por fatores emocionais externos ao tema de abordado, logo decidimos pela mudança da metodologia de pesquisa.

(STAROBINSKI, 2011) que é a discussão de um tema a partir da exposição de pensamento do autor que “faz esperar uma renovação de perspectivas, ou ao menos a enunciação dos princípios fundamentais a partir dos quais um pensamento novo será possível.” (STAROBINSKI,2011, p.14).

Busquei produções que apresentassem análises e respostas para a área de estudo estudada. No capítulo 1 apresentei estudos sobre os conceitos de representação, identidade e identidade negra, autoestima negra, com a realização da análise e relacionando aos estudos da Psicologia. No capítulo 2 o tema da arte negra e estética negra foram trabalhados com base nos estudos decoloniais com ênfase na arte afro-brasileira e com exemplos de produções artísticas. No capítulo 3 discuti as contribuições quanto ao tema da identidade racial que algumas produções em Psicologia têm desenvolvido, apresentei algumas lacunas nos estudos, e sugeri questionamentos que devem ser feitos pelos profissionais na sua prática psicológica.

1 CONCEITOS SOBRE REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E AUTOESTIMA NEGRA

A Psicologia possui uma multiplicidade de referenciais teóricos e metodológicos, e com os estudos sobre identidade, no Brasil, essa característica também se faz presente. Foram inicialmente estudos realizados por Nina Rodrigues e Arthur Ramos sobre o desenvolvimento da identidade e sua relação com o social, que acabaram por favorecer políticas eugenistas, alienistas e higienistas (LIMA, 2010). A Psicologia por muito tempo fez uso desses estudos e visões de sujeitos, reproduzindo preconceitos sem uma crítica do seu próprio fazer científico.

Algumas abordagens como a sócio-histórica buscaram alternativas de análise crítica por meio de uma visão materialista de identidade, como afirma Lima (2012), que é o resultado da relação indivíduo-sociedade, num movimento que é dinâmico. Importante obra que trabalhou sobre o conceito de identidade foi a tese de doutorado, intitulada “A estória do Severino e a história da Severina”, orientada por Sílvia Lane, defendida em 1986 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP e publicada como livro em 1987 por Antonio da Costa Ciampa (LIMA, 2012). Essa produção é considerada um marco nos estudos sobre identidade no Brasil e mostra uma virada crítica nesse fazer científico.

Os estudos atuais da Psicologia têm-se debruçado sobre as questões étnico-raciais, da identidade, representações, preconceito racial e sofrimento psíquico da pessoa negra (SCHUCMAN; MARTINS, 2017). Considera-se que os indivíduos estão em constante relação com família, amigos, sociedade, e inseridos em um contexto histórico específico. Todas essas relações se inter cruzam, e o sujeito constrói-se por esse emaranhado. Ao pensar sobre a formação da identidade da pessoa negra no Brasil, esse convívio se estabelece em uma cultura racista, que impõe o processo de branqueamento.

O corpo do negro é obrigado a se identificar como corpo branco, uma vez que o tempo todo o negro está sendo violentado culturalmente pelo Ideal de Ego branco (SANTOS, 1983 citada por MALAFAIA, 2018). Essa imposição ao sujeito negro ocorre diariamente, e acaba por incorrer em uma violência psíquica, pois subtrai a oportunidade de o sujeito negro expressar a sua subjetividade, pois ela lhe foi “sequestrada” pelo processo histórico da colonização.

A psicanalista Neusa Santos Sousa, em seu livro “Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social” (1983), afirma que o Ideal do Ego no sujeito negro é branco, e ocorre uma “negação, o expurgo de qualquer “mancha negra”” (SOUSA, Neusa, 1983, p. 34). Esses sujeitos também buscam serem os melhores, para afirmarem-se e compensarem o defeito de serem aceitos (SOUSA, Neusa, 1983, p.40). Há também uma “autodesvalorização e conformismo, atitude fóbica”, que a autora expõe por meio das transcrições das entrevistas dos discursos desses sujeitos negros (SOUSA, Neusa, 1983, p. 41).

A construção positiva da identidade negra é um desafio a ser enfrentado pelos negros brasileiros, uma vez que a história sempre ensinou ao negro que para ele ser aceito era preciso negar-se a si mesmo. Então deve haver uma mudança nessa lógica, trabalhando com representações positivas do negro, questionando os estereótipos racistas e representações negativas.

O constructo da autoestima, presente nos estudos de Rosemberg, afirma que ela é produzida e mutável, de acordo com as etapas de vida do sujeito. Hoje acredita-se que ela pode ser tanto um traço quanto um estado, e ainda não existe um consenso na literatura sobre sua definição. A autoimagem é associada como sinônimo de autoestima, porém Mendes et al diferencia como sendo valoração e percepção, respectivamente. (CASTRO, Rômulo M. de C.; MAIA, Eulália M.,2017)

O primeiro recenseamento geral no Brasil foi em 1872, com a classificação racial de brancos, pretos, pardos e caboclos (SANSONE; PINHO, 2008). Porém sabe-se que o país tem como característica as relações inter-raciais, ocorrendo a existência das categorias: branca, morena, parda, preta, negra, morena clara, e amarela (PETRUCCELLI; 2002 citado por SANSONE; PINHO, 2008). Vê-se também que a percepção da cor depende da região em que se encontra a pessoa, assim a classificação de cor ou raça são primeiro sociais que biológicos (SANSONE; PINHO, 2008). Logo, acredita-se ser possível aparecer na pesquisa sujeitos que são atravessados por essas características inter-raciais, podendo se considerar negros de pele mais clara, pardos, ou negros de pele escura; ou se denominarem como negros pelo cabelo afro, ou pela descendência, ou ainda estarem nesse processo de definição de sua identidade afro-brasileira.

O conceito de “branqueamento social” está presente no Brasil, em que o movimento de ascender socialmente é responsável pelo branqueamento ideológico (SANSONE; PINHO, 2008), com a ideia de que pardos e pretos são pobres, e brancos

são ricos. Essa ideia repercutiu na autodeclaração racial das pessoas, que tendiam a se aproximar da classificação mais próxima dos brancos, caso pertencesse a um grupo social rico, ou se autodeclarava com a pele mais escura, caso estivesse em mais baixa posição social. Além da cor da pele, características fenotípicas, como cabelo, nariz, boca, quanto mais próximos do fenótipo europeu, sofre menos discriminação racial e social.

Hall (2006) afirma que o processo atual de formação da identidade é o de descentramento das identidades, se comparado às antigas teorias de formação da identidade. Por exemplo, no período do Iluminismo, o conceito de sujeito único, individual, estava presente, e a sua identidade já o compunha desde o seu nascimento, a qual se formava com o tempo. Diferente do sujeito da modernidade, que tem sua identidade formada pelo social. Por último, os indivíduos da “identidade pós-moderna” (a partir do século XX), que se caracteriza por uma identidade que não é fixa, essencial, e permanente, podendo muitas vezes ser contraditória.

O que se pretende estudar são esses processos identitários, que estão em constante produção, reprodução, ruptura, união, pois acredita-se que cultura e identidade estão relacionadas e se autoalimentam. Em consequência, ao perguntar a uma pessoa negra hoje, em quem ou no que ela se inspira esteticamente, ela poderá dizer que em uma cantora afro-americana dos EUA, ou que gosta de ouvir a música pop de uma artista descendente de mexicanos, ou que acompanha jovens de diversas nacionalidades nas redes e mídias sociais. Logo, esse trabalho busca compreender como esse processo identitário está presente nesses sujeitos, únicos, unidos pelo imaginário do que é ser negro, buscando suas representações.

1.1 Representação na arte

O conceito de representação na arte é relevante e definido por diversas abordagens teóricas. Como substituição e evocação mimética cabe ao artista, no seu fazer criativo representar essa realidade própria da sua experiência perceptiva (MAKOWIECKY, 2003). Ao mesmo tempo em que a arte assume uma posição de distanciamento do real para melhor interpretá-lo, é uma busca de uma aproximação do real, porém esta tem o poder de modificar a visão do observador ao entrar em contato com ela. Então se observa que a obra de arte tem como objetivo a reelaboração e reinvenção de novos sentidos para a nossa existência social (BARBOSA, 2000).

Hall (2016) analisa o conceito de representação, presente na produção cultural, e afirma que sujeitos pertencentes a uma mesma cultura compartilham de símbolos e linguagens que proporcionam uma mesma ou aproximada interpretação da realidade. Afirma também que ações de pensar e sentir como sistemas de representação e que os objetos, e imagens representados, nos fazem sentir, e estão presentes no mundo “real”. Portanto, analisar como ocorre esses processos de formação da identidade do artista negro, e de seu público, por meio da análise da produção artística, criada e consumida, aproxima do processo de construção das representações do que é “ser negro”. É relevante pois vai além de uma representação pelo discurso da fala, ela se expressa pela imagem, por uma construção estética de si e do outro, como seu igual e/ou diferente.

Considera-se, pois, que a experiência estética é vivenciada de forma muito pessoal, porém como o objeto da representação, está no social, exemplo da obra de arte, ela passa pela representação/simbolização do real, por uma construção cultural que é coletiva. Hall (2016) afirma ainda a existência de um poder simbólico, que está presente nas representações. A histórica violência simbólica pelo uso de estereótipos, sofrida pela população negra, foi representada de diferentes formas, animalizando-a, no período colonial, ou infantilizando-a e a docilizando, no período pós-colonial.

Importante dizer que esse comportamento presente no período colonial se manteve na nossa colonialidade. O conceito de colonialidade, que postula Quijano (2005), advém da análise do surgimento da ideia de raça, forjada no período colonial, utilizada como forma de sustentar relações de dominação entre os povos, o colonizador e colonizado. Hoje se animaliza o negro, como antes também se infantilizava, enquanto um continuum do período colonial, que caracteriza o “pós” colonial.

Há um movimento atual de mudança ou de busca de legitimação da existência da pessoa negra, o que se denomina de estética negra, que expõe que o processo de embranquecimento causou feridas na autoestima e autoimagem. A pessoa negra, ao fazer o exercício estético (observação de imagens), busca por representações, nas produções de artes plásticas, porém o que é ainda apresentado como padrão estético são imagens europeias, brancas. Um dos exemplos dessa beleza negra que é raramente exaltada foi observado no concurso de miss universo de 2019 no qual a sul-africana Zozibini Tunzi, ao vencer o concurso, afirmou “É uma honra absoluta representar, como negra e africana, a inclusão e a diversidade”³.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/09/sul-africana-e-coroada-miss-universo-2019-e-fala-contra-racismo.ghtml>

Fanon (2008) retrata as consequências do processo de colonização sofrido pelos colonizados. O autor relatou uma situação vivenciada, quando realizava seus estudos em Psiquiatria na França. Um dia, uma criança branca olhou para ele e apontou assustada: “veja, um negro!”. Conta sobre essa situação de desconforto, em “descobrir sua negridão, suas características étnicas” e por acabar de “se ver um objeto em meio a outros objetos” (FANON, 2008, p. 105) e não um sujeito.

Silvio Almeida (2018) afirma a existência do racismo estrutural na sociedade com a transmissão de privilégios, racismo e sexismo. Ocorre a reprodução desses comportamentos tanto individuais como institucionais, em que o racismo é regra e não exceção.

No site Youtube, produtores de conteúdo autodeclarados negros nas redes sociais fazem vídeos, sobre o seu processo de construção da identidade étnico-racial, com vídeos intitulados “como me descobri negro” ou “eu sou negro?”⁴. Eles relatam as dificuldades que encontraram no seu percurso de descobrirem-se negros, seja devido o processo de branqueamento social ou da falta de referências negras durante sua vida.

Outro exemplo de formas que o sujeito negro tem criado para enfrentar o racismo, com a construção da sua identidade é pela literatura, exemplo do livro *Amoras* (2018) (Figura 1) do rapper brasileiro paulistano Emicida. Ele publicou o livro como uma resposta a uma situação de racismo que sua filha, ainda criança à época, sofreu na escola, por causa da sua cor de pele⁵.

O cantor, depois de perceber que o racismo aparece desde os primeiros anos da infância, acabou se questionando como dizer à sua própria filha que a sua cor de pele era bonita, e mais, como fazer com que essa mensagem chegasse a outras crianças não-brancas e brancas. O livro mostra personalidades negras, na política, exemplo de Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, conceitos das religiões de matriz africana, e consegue relacionar a cor da pele, quanto mais escura, com a doçura da fruta amora.

⁴ Em site: <https://www.youtube.com/watch?v=SI2C7xQBhYQ>

⁵ Em site: <https://www.youtube.com/watch?v=3czQelua5nA>

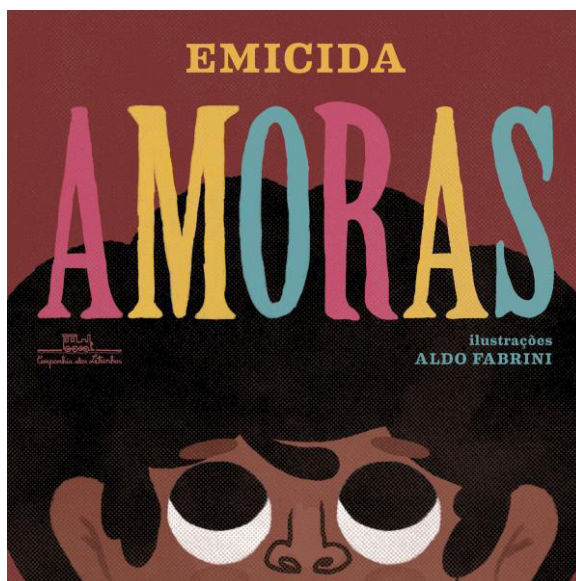


Figura 1. Livro Amoras (Emicida, 2018). Imagem retirada do site <https://www.amazon.com.br/Amoras-Emicida/dp/8574068365>

Acredito que a análise de obras que expressem essa estética negra, com um posicionamento político antirracista, pode ser relacionada à prática da psicóloga, no processo de terapia dos sujeitos negros, com o objetivo de fortalecimento das identidades negras, e o exercício de outro olhar do público, o conhecimento de outras narrativas e visões de mundo, ao mesmo tempo que promove o (re)conhecimento desses sujeitos às suas identidades.

2 ARTE NEGRA, ESTÉTICA NEGRA

O clipe⁶ “Apes**t” de 2018, de Beyonce e Jay-Z, filmado no museu do Louvre, que é considerado o museu mais conhecido e visitado do mundo, apresentou o questionamento sobre quem são os sujeitos representados nas obras de arte. Durante o clipe exibiu que em sua maioria são brancos, europeus, e que quando pessoas negras são ali representadas, aparecem em um número reduzido de imagens, estando em uma posição de dominação, escravidão e servidão.

Durante todo o clipe, dançarinas negras, de diferentes tons de pele, do mais claro ao mais escuro movimentam-se juntamente com Beyonce, em uma dança ágil, ao lado das obras de arte. Os dois *rappers* aparecem também em cenas que se alternam, entre eles e as obras de arte, proporcionando a sensação de contraste entre as produções artísticas presentes no museu e os sujeitos negros presentes no clipe. Ao final, a dupla aparece em frente a obra do pintor Leonardo DaVinci, a Monalisa, considerada a obra mais conhecida do mundo e com um valor financeiro inestimável. Os *rappers* apresentam-se vestidos com roupas caras, blazers coloridos, fazendo o expectador se questionar sobre os conceitos de beleza, arte e representação negra nas obras e museus e da ausência de sujeitos afrodescendentes nesses locais.

O clipe responde às perguntas de quem eram os que podiam ser representados nas obras de arte do Ocidente, quem os pintava e em que lugares determinados sujeitos poderiam existir. Importante salientar que as produções artísticas no período da Idade Média eram encomendadas por mecenas, nesse caso, homens brancos ricos, que acumularam riquezas com sistemas de exploração colonial, e que financiavam artistas. O artista Leonardo Da Vinci é um dos exemplos desses artistas financiados. Logo a existência de “Monalisas” durante a história da arte ocidental é resultado de um processo histórico colonial complexo de dominação de sociedades na África, América, Ásia, e que pode ser analisado pelas representações artísticas de cada período.

Vê-se que ao falar sobre representação negra nas artes, fala-se também da representatividade. Ocorreu durante os diversos períodos históricos, a representação do sujeito negro nas artes, porém estando o indivíduo negro na posição de escravo e objeto, e quem os representava (pintava), eram os colonizadores, ou as companhias de artistas contratados pelo rei. No Brasil, em seu período colonial, tem-se por exemplo o pintor

⁶Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbMqWXnpXcA>

francês Debret, que retratou o cotidiano da colônia e os sujeitos que lá existiam (escravos, monarquia) em suas situações cotidianas.

Ocorre também o processo de apagamento histórico da cultura e produção artística negra. Importante lembrar que houve produção e criação cultural e artística, no longo período de escravidão ao qual foram submetidos e antes desse período de tráfico de pessoas, porém “existe uma lacuna no estudo da linguagem plástica referente à arte afrodescendente. As referências à produção cultural e artística do negro é diminuta” (SANTANA, 2017, p. 128).

O processo de apagamento histórico censurou dos sujeitos negros, os negros protagonistas que compuseram a cultura brasileira e participaram de movimentos sociais contra o regime político vigente, e/ou foram submetidos ao embranquecimento. Pode ser observado como o escultor mineiro barroco Aleijadinho, que era negro, filho de pai português e mãe escrava, hoje é lembrado no imaginário brasileiro como um grande escultor branco do período colonial.

Há o que a escritora Chimamanda Ngozi Adichie nomeia de “perigo de uma história única”. A autora exemplifica essa ideia com base em sua própria história, que desde criança lia livros ingleses, e quando começou a criar suas próprias histórias, seus personagens eram brancos, dos olhos azuis, que brincavam na neve e comiam maçãs. Porém ela, na época ainda não havia morado fora da Nigéria. Foi somente com mais idade que teve acesso a livros africanos, que afirmam serem mais difíceis de encontrar no seu país, do que os livros ingleses. Essa situação foi fundamental e uma “mudança mental na percepção da literatura”. Afirma ainda que essa “história única” cria estereótipos, e não consegue representar as diversas realidades em questão⁷.

As produções artísticas negras sobreviveram fisicamente e estão presentes nas manifestações religiosas, culturais. Foram transmitidas pela tradição oral, característica nas culturas de África e afro-brasileiras. A busca pela representatividade negra nas artes ocorre pela modificação da posição do sujeito negro como *produto* para *produtor* de suas próprias produções artísticas, trazendo suas narrativas, seus símbolos os quais foram invisibilizados, para o status de arte.

Afirma Vázquez (2016, p. 79) que “a modernidade eurocentrada estabelece a estética para controlar as subjetividades e as formas de percepção do mundo” (tradução nossa), logo é importante observar que esses sujeitos são atravessados por padrões

⁷Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Data de acesso em 14/05/2021

estéticos, conceitos de produção artística europeus, interferindo na sua percepção de mundo, tornando-se um processo denso nos estudos decoloniais.

Houve o que Albán (2017, p.30) afirma de “um sistema de representação de colonizados pintados com o pincel do colono, a imagem e semelhança de sua retina, e dessa forma impedindo que o outro representar-se a si mesmo”. Um ato de violência para com a liberdade de representação e criação de mundo dos colonizados.

Esse movimento de descolonização pode ocorrer pelo curso intelectual, com a leitura de livros de teóricos escritores negros, porém como afirma Mignolo (2014) em “Arte y estética en la encrucijada descolonial II”, que a Aesthesis Decolonial também é pensar no que se sente, no corpo que vê e que existe, que se observa no espelho e não vê um estranho, mas aquilo que se é, que se parece com seus ancestrais. Assim um sujeito com história e produção cultural. Logo é uma atitude potente, que nos convoca a colocar outras lentes sobre o mundo que vivemos, apreciando a beleza onde não víamos.

A colonização a que foram submetidas diversas populações pelos europeus, exemplo das que viviam na América, foi responsável por um sistema de classificação baseado na ideia de raça, e na cor da pele, com o aparecimento da racialização das relações de poder (ACHINTE, 2017, p. 14). A consequência foi a ideia do “não-ser”, marginalizando esse sujeito, contudo a sua existência questiona o próprio projeto hegemônico

Porém esse não-ser é o que põe em dúvida o sistema, ele devolve a dúvida que este tem criado sobre si, ao mostrar que o sistema como totalidade não é absoluto em seu poder de dominação, o outro que se revela (a epifania de Dussel) o que realmente se mostra é a fragilidade do poder em sua pretensão de totalidade absoluta, e nesse sentido, o não-ser construído pelo projeto hegemônico se ergue como o “ser outro” (ACHINTE, 2017, p.15, tradução nossa)

Na história das civilizações coloniais ressalta-se que “os povos afros não têm sido invisibilizados, eles têm sido silenciados, pois esses sujeitos não se autodeterminaram como invisíveis, eles tiveram participação nas guerras de independência, e guerras civis republicanas” (ACHINTE, 2017, p. 17). Exemplo da guerra pela independência do Haiti, que foi liderada por negros, e resultou na abolição da escravidão na ex-colônia francesa.

O sujeito pós-colonial que ainda está sob a égide da colonialidade busca formas de re-existir:

[...] estratégia de visualização e interpelação das práticas de racialização, exclusão e marginalização na procura de redefinir e re-significar a vida em condições de dignidade e autodeterminação, enfrentando a biopolítica que

controla, domina mercantiliza os sujeitos e a natureza. (ACHINTE, 2017, p. 20, tradução nossa).

A atitude de re-existir está presente no processo de criação artística pois são discutidos conceitos que permeiam o imaginário do(a) artista negro(a), e redefinidos os padrões que são propostos ainda hoje por uma ideologia hegemônica racista. Esse processo artístico é contínuo. Novos conceitos podem surgir, e como sujeitos sociais estamos vivendo nesse mundo permeado de discursos e ideologias.

Vale ressaltar que nesse trabalho me refiro a uma arte com atitude política, com o(a) artista crítico de sua própria produção, e em processo de desconstrução de estéticas, e criação de novas, em que a criatividade é uma aliada na criação crítica

A arte como ato de reflexão permanente- e não somente como modo de fazer objetos artísticos- deve contribuir para ampliar os cenários de discussão em torno da exclusão social, a racialização, a violência genocida, a reafirmação dos estereótipos e o autoritarismo. (ACHINTE, 2017, p.23, tradução nossa)

O artista nessa atitude decolonial é colocado em contato com diversos sistemas de representação, sendo algumas de característica decolonial, ou não. Os sistemas de representação que ainda coisificam a pessoa negra, ou a animalizam, exotizam existem, e a esse artista cabe o processo de crítica e desconstrução por meio da sua própria criação artística. Alguns artistas, por exemplo, trabalham com o estranhamento de lugares e ideias historicamente baseadas no colonialismo (Figura 2), exemplo da artista Rosana Paulino, doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-ECA/USP⁸.

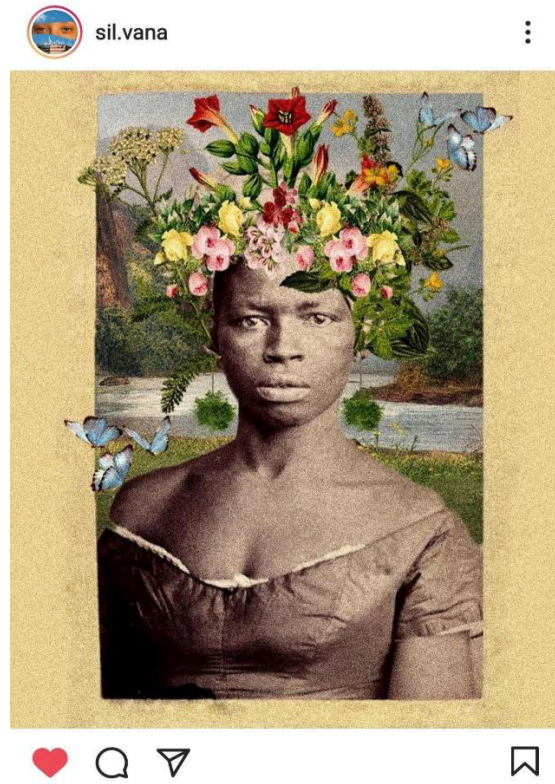
⁸ Disponível em: <https://www.rosanapaulino.com.br/>



Figura 2. A salvação das almas? Impressão digital sobre tecido e costura. 29,0 x 58,0 cm. 2017. Imagem 6 de 34.

Outro exemplo de artista que trabalha com base em uma estética decolonial é a artista maranhense Silvana Mendes, que utiliza como técnica artística a colagem, e a denomina como “afeto colagem” (Figura 3). Em sua página no site Instagram⁹ expõe suas produções, e possui mais de 8.000 (oito mil) seguidores.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/sil.vana/>



sil.vana há dois anos venho costurando uma pesquisa sobre identidade, memória, resgate e desconstrução para reconstruir.

em tempos de medo e instabilidades sigo recortando e colando pra reconstruir o que me foi tirado e apagado.

#afetocolagem #collage #collageart

Figura 3. Afetocolagem. Imagem retirada do site : <https://www.instagram.com/sil.vana/>

Deve-se ressaltar que existem também produções de outros artistas (nesse caso não-negros) que representam a imagem da pessoa negra de forma racista, presentes por exemplo na utilização da técnica de *blackface*, que foi primeiramente utilizada no período da *Comedia del Arte* que significa a pintura do rosto/pele de uma pessoa não negra com tinta preta, para representar um personagem negro, porém essa representação é estereotipada, com o personagem negro caricato e ocupando espaços subalternos na produção. Exemplo dessa situação ocorreu na peça de teatro “A mulher do trem”, dirigida por Fernando Neves.

No texto “Racismo, formas simbólicas e culturais: zoo humano e blackface, do arcaico ao residual” de Rosane Borges, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, analisa a peça e tece críticas ao uso da técnica *blackface*. A autora afirma que “estética e ética são pares indissociáveis” logo o uso dessa forma de comunicar pode ser visto como uso racista, pois continua a utilizar as mesmas representações de períodos coloniais, e não problematiza seu próprio uso.

A autora observa também a existência de um movimento pendular na comunicação, um de permanência, com signos enrijecidos, inflexíveis, e outro de mudança, com signos capazes de ocupar outros significados. Para a pesquisadora o papel da arte “mudar os lugares de sentido, deslocar, transfigurar o lugar-comum [...] a sua função política reside exatamente em perturbar as representações já consolidadas e construir novas referências”¹⁰

Não pode ser esquecido que há uma disputa de narrativas, de estéticas, de qual melhor representa o que é ser negro no Brasil. Cada pessoa, com seu processo histórico, social, únicos, é quem deve se autodeclarar como negra. O papel do pesquisador é se situar nesse debate, em que afirma Gómez (2014) que é a partir das margens, da fronteira, do que foi construído por esse processo colonial, que esses sujeitos constroem um lugar de enunciação, mirando um futuro.

Ao pensar em uma arte negra brasileira, nomeada como arte afro-brasileira, deve-se observar que ela é característica de um movimento identitário, de expressão do vivencial do artista, então pode-se observar como uma arte que é resultado de uma visão de mundo, de como o sujeito negro o experencia (MATTOS, 2017). Analisar então a produção artística do artista afro-brasileiro é observar como são representadas suas vivências e como é construída sua obra e seus símbolos culturais.

Importante observar que a produção artística afro-brasileira a qual estamos nos referindo é a produção do próprio sujeito negro, que pensa/constrói a sua negritude por meio da criação artística. Há a produção artística de pessoas não negras sobre a temática negra, porém não há com elas o movimento de reproduzir imagens que lhes representem/identifiquem. Porém sabemos da dificuldade na conceituação do próprio conceito de arte afro-brasileira:

¹⁰Em site: <https://www.geledes.org.br/racismo-formas-simbolicas-e-culturais-zoo-humano-e-black-face-do-arcaico-ao-residual/>

Na atualidade, entendemos que a arte afro-brasileira é o resultado da experiência sensível dos sujeitos com a cultura afro-brasileira. Definir esse tipo de arte é uma tarefa complexa, pois não é uma escola estilística (MATTOS, 2017, p.93).

Exemplo desse sistema de falta de definição e apagamento da cultura afro-brasileira no país, é a lei 10.639/2003 que versa sobre o ensino da História e cultura afro-brasileira no currículo escolar regular, que foi uma conquista recente e evidenciou a falta desse conteúdo na própria formação de professores, e no sistema educacional:

As barreiras vão desde a falta de preparo e conhecimentos específicos, à escassez de tempo durante o ano letivo para abordar o tema com a devida importância e seriedade, até o desconhecimento da Lei Federal 10.639/2003. Muitos professores não tiveram acesso a esse conteúdo em sua formação ou desconhecem a oportunidade de realizar uma formação adicional. A implementação desse dispositivo legal encontra dificuldade, mesmo nas grandes capitais, como se verifica em muitas instituições de ensino públicas ou particulares. (SANTANA, 2017).

Essa falta de conhecimento sobre a arte e cultura afro-brasileira mostra o quanto o ensino ainda reproduz a cultura do colonizador. Na esteira desse pensamento houve o acréscimo do ensino da cultura e história indígena, com a lei 11.645/2008, e a obrigatoriedade de seu ensino regular no conteúdo escolar, mostrando mais uma identidade étnica brasileira que sofre um histórico processo de apagamento. Porém pergunta-se: quem dará essa formação aos professores, e quem produzirá seu conteúdo didático? Pois ele poderá mais uma vez ser apresentado como pertencente a um passado colonial, com caráter folclórico, ou que seus produtores não sejam colocados na posição de artistas, e criadores de arte, reproduzindo mais uma vez uma visão racista.

O artista negro a que me refiro hoje está nas redes sociais, expõe sua produção em sites, ou museus com acervo de visitação online. Tem um público diverso, podendo também serem sujeitos negros ou não, ou ainda que estejam em processo de formação identitária racial. Exemplo disso é o MU.ITA (Museu Itamar Assumpção)¹¹ inaugurado em 2020 que é o primeiro museu online de um artista negro que conta também com a língua Iorubá como um dos idiomas do museu. Apresenta um acervo diverso de fotos, vídeos, e produções musicais do artista paulista que se denominava como “afro-brasileiro puro”¹².

¹¹ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/itamar-assumpcao-ganha-museu-virtual-traducao>

¹² Disponível em: <https://www.itamarassumpcao.com/>

É válido afirmar que o artista negro no Brasil ainda tem que disputar espaços, ter sua arte reconhecida e exposta, em museus, exposições, mesmo havendo um movimento político e artístico que tem como resultado maior exibição de artistas e suas produções, exemplo da existência do Museu Afro Brasil, com um acervo de mais de seis mil obras “abarca diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros, abordando temas como a religião, o trabalho, a arte, a escravidão, entre outros temas ao registrar a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira.”¹³

Outro problema enfrentado pelo artista negro que produz obras com estética negra é o preconceito e racismo disferido à sua produção, exemplo do caso da artista muralista da cidade de Belo Horizonte que sofreu processo judicial para que a sua obra fosse apagada da parede de um prédio residencial por um morador que moveu o processo afirmando que a obra é uma “decoração de gosto duvidoso”. A artista afirmou que “Nos matam fisicamente e nos matam simbolicamente através do apagamento da nossa cultura e de tudo que gira em torno dela. O gosto estético é uma construção cultural e social e que é moldada massivamente pelo imaginário do colonizador”.¹⁴

No mural exposto pela artista há a representação de uma figura de cor de pele negra, e representativa do feminino, com a presença de seios, e órgão reprodutor feminino, o útero, que está apoiado em uma das mãos da figura. Questiono também se essa situação de racismo está relacionada ao preconceito de gênero, tanto pela produtora da obra ser uma mulher negra, quanto por sua obra representar uma mulher, pois o lugar em que são colocadas artistas mulheres e negras no país ainda é de subalternas.

¹³Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>

¹⁴ Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/por-ai/criola-apagamento-mural-cura-bh/>



Figura 4: Híbrida Astral - Guardiã Brasileira. Imagem retirada do site <https://artebrasileiros.com.br/por-ai/criola-apagamento-mural-cura-bh/>

Essas situações mostram que o artista negro no Brasil busca combater com a sua arte o racismo estrutural e institucional presente no imaginário branco brasileiro o qual não aceita a representação de outras narrativas, ou melhor, de narrativas dos sujeitos subalternizados.

3 PSICOLOGIA, ARTE E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL PARA POPULAÇÃO NEGRA

Considero que ao falar sobre Psicologia e construção de identidade racial da pessoa negra, a área da saúde mental à essa população deve existir como uma política pública. Historicamente, a população negra tem sofrido com a desassistência de saúde no país, nesse caso, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), uma vez que não existe uma política nacional de cuidado com a saúde mental da pessoa negra, mostrando a sua invisibilização

A saúde dessa população, reflete a desigualdade existente entre negros e brancos, que é assinalada dentro da sociedade brasileira em relação ao seu atendimento. A existência de um pré-julgamento estereotipado em relação a população negra, apontam interferências nas desigualdades raciais em relação à saúde, uma dessas interferências que podemos citar é vulnerabilidade social que afeta de maneira direta a saúde quando se trata da população negra mais pobre. (RIBEIRO, 2021, p. 209)

Há um documento do ano de 2017 intitulado “Política de Saúde Integral da População Negra-Uma política do SUS”, em que algumas doenças que possuem mais prevalência na população negra são apresentadas, como a anemia falciforme e a hipertensão. Porém a falta de um item ou seção sobre saúde mental negra confirma a omissão ou falta de políticas públicas a essa área de estudo. O documento apresenta dados percentuais sobre a discriminação no sistema de saúde, (11,6% de mulheres que afirmam terem sofrido alguma discriminação, 11,9% de pessoas de cor preta, 11,4% pardos, 11,8% de pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto), porém não discutem como e as consequências à saúde mental desses grupos¹⁵.

A falta de uma seção relativa à saúde mental negra deve-se à falta de conhecimento dos órgãos de saúde da sua existência? Ou a falta de difusão dos estudos já realizados pela psicologia sobre a área? Ou ainda da falta de profissionais psicólogos que atuem nesses espaços com uma prática profissional política e antirracista? Considero que esse cenário se deve a ainda existirem um percentual, que é histórico, de psicólogos brancos, e como sujeitos que estão inseridos em um mundo marcado pela branquitude, a falta de trabalhos e práticas profissionais sobre saúde mental negra é um dos resultados.

A Psicologia tem como um dos objetos de estudo a identidade e seus processos de formação. Porém, o que se observa é que são definidos muitas vezes como universais,

¹⁵ https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf

ou acontecimentos naturais, sem problemas ou entraves na sua formação. Esses processos de universalização de identidade são consequência da visão que predomina nos estudos científicos: do ser branco, produtor de cultura e representações universais.

O racismo faz com que a pessoa negra se “perceba negra” ou “se identifique como negra” quando é confrontada pelo social, que a define como negra, a exemplo do “veja, um negro!”, situação vivenciada por Fanon. Ocorre que ao pensar a formação de identidade da pessoa negra, algumas características aparecem, como o embranquecimento e alienação (FANON, Frantz, 2020), e a identificação com a cultura do colonizador (CESÁIRE, Aimé, 2020).

A identidade pode ser analisada de forma objetiva, a partir das características culturais, linguísticas, ou subjetivas, com a definição do próprio grupo ou quando é definido por outros, como aponta Munanga (2020). O autor observa que três fatores estão previstos nesse processo de formação: o histórico, o linguístico, e o psicológico. O ideal é a existência desses três fatores, de forma substancial no sujeito, e afirma que os indivíduos as possuem em proporções singulares.

O conceito de identidade é complexo e a sua formação perpassa por uma atitude política dos indivíduos, que buscam referências históricas, culturais de seus antepassados pois “os critérios raciais sem consciência ideológica ou política não seriam suficientes para desencadear o processo de formação da identidade” (MUNANGA, Kabengele, 2020, pg. 14).

Considero uma área de trabalho da Psicologia, pois a pessoa negra, ao se questionar sobre sua história, e os significados do que é “ser negro”, poderá encontrar entraves, seja no processo de apagamento da história negra, o embranquecimento, ou o silenciamento do tema da construção da identidade negra na produção acadêmica, consequências do racismo estrutural (ALMEIDA, Silvio de, 2019). Importante evidenciar que o “ser negro” e seus significados são também são marcados pela tempo histórico e localização geográfica dos sujeitos, ocorrendo múltiplas formas de construção de identidades e representações.

Esse racismo estrutural teve suas bases no processo de colonização, o qual (CESÁIRE, Aimé, 2020, p. 23) afirma: “desumaniza até o homem mais civilizado [...] a conquista colonial fundada no desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende.” Esse processo de desumanização, que o colonizador tem com o colonizado, de animalização, e apagamento de sua história e tecnologias é uma forma de retirar direitos políticos e humanos:

O racismo de base colonial nega as conquistas e estudos dos antepassados dos povos colonizados, como a invenção da aritmética e da geometria pelos egípcios. Ou a descoberta da astronomia pelos assírios. Ou o nascimento da química entre os árabes. Ou a aparição do racionalismo no Islã numa época em que o pensamento ocidental tinha um jeito furiosamente pré-lógico (CESÁIRE, Aimé, 2020, p. 67).

A violência colonial se dá com discursos pseudo-justificativos, através da missão colonizadora que tem como ideal que “os negros seriam assimilados, aos povos europeus, considerados superiores, ou seja, tornar-se-iam iguais aos brancos” (CESÁIRE, Aimé, 2020, p. 25), “porém o que é constatado durante todo o período colonial é a exploração da mão de obra escravizada negra, com sua caracterização de serem preguiçosos, violentos” (CESÁIRE, Aimé, 2020, p. 31-32).

A pessoa negra passa por um processo de embranquecimento ao longo de sua vida. Segundo Kabengele Munanga (2020, p. 36), ocorreu durante o período colonial várias ações dos colonizadores que impuseram essa “assimilação de valores culturais do branco”. A imposição do idioma do colonizador, que fez com que os povos escravizados entrassem em contato com outras formas de pensar e ver o mundo, ocorrendo situações como essa:

Muitos africanos alienados deixaram até de falar suas línguas em casa com os familiares. Outros, após as independências de seus países, enviavam os filhos pequenos para a Europa ou os Estados Unidos, a fim de lhes permitir, sem atraso, a prática da língua francesa ou inglesa (MUNANGA, Kabengele, 2020, p. 36).

Exemplo dessa situação encontra-se no livro do autor sudanês Tayeb Salih chamado “Tempo de migrar para o norte” (2018) em que o protagonista, nascido também no Sudão, vai estudar literatura inglesa na Inglaterra, e quando retorna à sua cidade natal, é questionado por um dos moradores sobre se o que ele havia estudado trazia algum benefício ou melhoria para o seu povo, que vivia uma vida dura no campo. A resposta do personagem é ríspida e arrogante, pois se sentiu ofendido ao perceber que seus conhecimentos literários estrangeiros não tinham qualquer serventia.

No Brasil ocorreu a política de embranquecimento, seja pela vinda de imigrantes europeus, em sua maioria para as regiões Sul e Sudeste do país, ou o incentivo de uma política de mestiçagem. O processo de embranquecimento também está presente no erotismo afetivo que são relações sexuais entre uma mulher negra ou mestiça e um homem branco, e vice-versa. Essa ação, segundo o autor, é a “vontade de diluir

simbolicamente a sua inferioridade no ato em si, ou de tornar-se branco pela posse sexual, ou ainda a possibilidade de melhorar a raça através de uma progeneritura mestiça” (MUNANGA, Kabengele, 2020, p.37).

Um exemplo desse processo de embranquecimento do qual passa a pessoa negra está presente no livro “O olho mais azul” (2019) da autora Toni Morrison, em que a personagem Pecola é uma criança que deseja ter os olhos azuis, iguais a de outra cuja imagem era veiculada em uma propaganda, símbolo da beleza infantil branca dos Estados Unidos. Evidência como a estética do colonizador está presente desde as primeiras fases do desenvolvimento humano, e que deixam marcas na autoestima da pessoa negra, que se sente inadequada durante o seu processo de formação identitária.

A pessoa negra vê-se como inadequada e busca então possibilidades de (re) existir nesse mundo branco. Essa tentativa de embranquecimento não é exitosa, pois o sujeito negro continua a ser negro, pela sua cor de pele, seus traços fenotípicos, e devido ao colonizador não realizar mudanças no próprio Estado, nos seus privilégios, sua organização política, e administrativa, pois elas acabariam com o próprio colonizador (MUNANGA, Kabengele, 2020).

Constrói-se então um movimento pós-colonial contrário da elite intelectual negra existente nas ex-colônias, chamado de *negritude* que tem como objetivos principais:

[...] buscar o *desafio cultural* do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não *universal* como a extensão de uma regional imposta pela força- mas uma civilização do *universal*, encontro de todas as outras, concretas e particulares. (MUNANGA, 2020, p. 50).

As definições de negritude variam em duas visões uma mítica e outra ideológica. A primeira busca uma origem que foi retirada do conhecimento dos escravizados, numa tentativa de construir no imaginário um passado perfeito, inócuo. A pessoa negra busca uma sociedade ideal, a qual pertencem seus ancestrais, com a construção do mito. A segunda aponta para uma ação contra a figura e ideologia branca, o que se estenderia a outros povos que também foram colonizados (MUNANGA, Kabengele, 2020).

O que se observa é que não há visão melhor ou mais exitosa, pois, ao pensar em um passado mítico, esquece-se que ele foi formado por pessoas que viveram o seu tempo histórico, e suas realidades. E ao diferenciar grupos de forma dicotômica, entre brancos e não-brancos, e não acreditar em suas interrelações, se persiste com a diferença.

A tentativa de uma unidade entre os sujeitos denominados como negros não obteve os resultados esperados, pois perpassou por questões do histórico processo colonial sofrido: suas diversidades étnicas, culturais, linguísticas, espaciais e históricas fizeram com que cada grupo tivesse suas necessidades e reivindicações próprias, como afirma:

Portanto, cada grupo de negros deve-se adaptar e reajustar o conteúdo de sua negritude, respeitando sua especialidade social, econômica, política e racial. A de um cubano, um brasileiro, um sul-africano, e um americano não devem ser reduzidas a um denominador comum, apesar da solidariedade (MUNANGA, 2020, p.60).

A psicanalista Grada Kilomba, em seu livro “Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano” (2019) apresenta um trabalho de escuta da pessoa negra, que sofre com o racismo, e mostra por meio do discurso de mulheres negras que entrevistou como a experiência do racismo é traumática, mesmo que ainda exista uma definição do racismo ainda persistente como um evento superficial, ou do passado. A autora afirma que o racismo determina as relações sociais, e não é uma “camada de tinta” que pode ser retirada.

O racismo é um exemplo de evento traumático. Segundo Grada Kilomba (2019) o trauma tem como características: o choque violento, ao evento inesperado, a separação ou fragmentação do sujeito com a sociedade, e a atemporalidade, pois o acontecimento traumático passado é vivido no presente, com consequências psicológicas como pesadelos, flashbacks e/ou dor física.

O racismo se dá a partir da construção da diferença (KILOMBA, Grada, 2019). O sujeito negro é colocado na posição de diferente porque se difere de um grupo que tem o poder de definir qual é a norma. Nesse caso, a branquitude é o que dita essa norma, e o sujeito negro vai tornando-se o Outro nessa relação. Essa diferença também se relaciona a uma hierarquia, ao qual o corpo negro está sujeito à estigmatização, e inferioridade.

A autora afirma a existência de um “trauma colonial” (KILOMBA, Grada, 2019, p. 216), e o relaciona ao trauma individual, sofrido pela pessoa negra. Os relatos que transcreve evidenciam as cenas do racismo cotidiano vivenciado por esses sujeitos, e uma reencenação de uma cena colonial, de um passado, em uma tentativa de reestabelecer o passado colonial e uma ordem colonial perdida.

Ocorre também de as pessoas negras estarem submetidas aos poderes histórico, político, social e econômico, consequência do racismo estrutural. Importante evidenciar que é a união do preconceito e do poder que forma o racismo, logo o racismo, visto muitas

vezes como um ato isolado, é fundado em uma estrutura de pensamento e de conceito pré-adquiridos, que transformam o sujeito negro em um Outro: “Eu me torno a/o Outro/a da branquitude, não o eu - e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual.” (KILOMBA, Grada, 2019, p.78)

A psicóloga, em escuta da pessoa negra, que ao relatar uma situação de racismo, deve ter como conceito que o ato racista ocorre não pela falta de informações sobre o negro pela pessoa não-negra, mas pela já existência de conceitos, concepções prévias, que povoam o imaginário racista:

[...] não é a falta de informação sobre a/o ‘Outra/o’ - como acredita o senso comum - mas sim a projeção branca de informações indesejável na/o ‘Outra/o’.
(KILOMBA, 2019, p. 117).

Há também o trauma de ser chamado de *negro* (KILOMBA, Grada, 2019). A palavra *negro* carrega significados históricos que remetem ao período do tráfico de seres humanos, há desumanização e subjugação. Ela possui uma cadeia de significantes, que estão relacionados para além da cor da pele, e a uma cadeia de termos: primitividade-animalidade-ignorância-preguiça-sujeira-caos (KILOMBA, Grada, 2019). A construção de novos sentidos para a palavra é fundamental, e elas se darão com vivências capazes de romper com essa cadeia de sentidos que estrutura o discurso racista tanto dos sujeitos negros e não negros.

Segundo Mata (2019), cerca de 800 mil pessoas morrem de suicídio anualmente; para cada suicídio, há muitas tentativas não efetivadas; e o suicídio é a segunda causa principal de mortes entre jovens entre 15-29 anos; apresentam-se em sua maioria em grupos em situação de vulnerabilidade social, ou que sofrem discriminação (sexual, gênero, étnico).

Um dos grupos mais afetados pelo suicídio são jovens e principalmente negros, e as causas do suicídio estão relacionadas a situações de racismo sofridas, podendo ser: o não lugar; ausência de sentimento de pertença; sentimento de inferioridade; rejeição; negligência; maus tratos; abuso (MATA, 2019). Vê-se que o racismo é responsável por um processo de adoecimento psíquico da pessoa negra, podendo levá-la ao suicídio, então o profissional psicólogo deve realizar uma prática profissional que considere essas especificidades da saúde mental.

O sofrimento psíquico causado pelo racismo e o suicídio da pessoa negra é relatado em Kilomba (2019, p. 187-188), em que uma das entrevistadas conta a situação

de sofrimento a qual sua mãe sofreu, e acredita que a situação de racismo a levou a cometer suicídio: “Ela precisava se ver refletida na sociedade”, diz Kathleen, “e ali ela simplesmente não estava”. Afirmo Kilomba (2019) que o suicídio pode ser visto como um ato performático da própria existência imperceptível da pessoa negra na sociedade racista.

Afirmo Ribeiro (2019) que deve ocorrer um trabalho para refutar a ideia de um sujeito universal, presente na branquitude, que é um traço identitário, mas possui privilégios a partir da opressão de outros grupos. Assim há um trabalho a ser feito, com a pessoa que sofre pelo imaginário racista, e com aquela que reproduz esses conceitos, o que Nogueira (2019) afirma serem processos de desumanização, tanto do sujeito que acredita na branquitude e se considera parte dela, como aquele que não pode ser posto nesse lugar.

O conceito de branquitude que fez parte dos estudos do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, está presente em seu ensaio “A patologia social do ‘branco’ brasileiro” (1955) é consequência de tornar a “brancura como critério de estética nacional”, que significa tornar o ser branco como molde para a definição do que é o belo, o apropriado, enquanto que acorda o “sujeito negro como tema”, o que quer dizer colocá-lo na posição de objeto, como se o racismo fosse tema presente ao negro, e ao branco não restasse nenhuma relação.

O autor faz nesse ensaio críticas ao que chama de “brancos claros”, que reivindicam o lugar de descendentes europeus, mas negam a sua mestiçagem, principalmente as pessoas das regiões Norte e Nordeste do país. Afirmo ainda que um país como o Brasil, uma porcentagem mínima pode afirmar-se nesse lugar de não ser mestiço, pois a grande maioria tem descendência negra também.

Nesse trabalho acreditamos que a crítica a branquitude também faz parte do processo de descolonização do Eu, tanto dos sujeitos negros quanto dos não-negros, e que ela está presente no imaginário de ambos.

Corroborando com a ideia de Ramos (1955), Schucman (2012, p.17) afirma que os estudos críticos da branquitude que aparecem no período pós-colonial a subscrevem como “constructo ideológico, de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores”.

Bell Hooks (2019, p. 298) descreve uma situação vivenciada como professora universitária quando traz como atividade a descrição, por seus alunos negros de como

enxergam a branquitude. Ela observou que seus alunos brancos tiveram o padrão de comportamento de surpresa, ou descrédito ao se verem observadas por pessoas negras, ao perceberem que também reproduzem comportamentos, evidenciando a perpetuação de um pensamento racista colonial:

Muitos deles ficam chocados ao ver que pessoas negras pensam criticamente a respeito da branquitude porque o pensamento perpetua a fantasia de que o Outro que é subjugado, que é sub-humano, não tem a habilidade de compreender, de entender, de ver os feitos dos poderosos (HOOKS, bell, 2019, p. 299)

A branquitude também é símbolo de ameaça para a pessoa negra. Seja porque o sujeito negro se vê em situações de exercício de poder, em uma posição subjugada, ou a violência institucional, em sua maioria sendo exercida por pessoas brancas. Como afirma bell Hooks (2019, p. 306) “nomear o que é a branquitude representa na imaginação negra geralmente falar de terror”.

A filósofa Djamila Ribeiro, em seu livro “Pequeno manual antirracista” (2019) trabalha com uma metodologia de passos/atitudes antirracistas. Afirma que a pessoa branca também tem responsabilidade sobre o racismo, e que o problema não é só do “negro”, como afirma:

Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação (RIBEIRO, Djamila, 2019, p. 36).

O ato de racismo é uma tentativa de o sujeito branco voltar a um passado colonial, a uma estrutura colonial que não existe mais (KILOMBA, Grada, 2019). Hoje os sujeitos da diáspora já não estão na posição de escravos, eles reivindicam direitos civis, e equidade. A autora afirma que para lidar com os atos de racismo sofridos, deve haver um processo de “descolonização do eu”, e as coloco como perguntas que devem ser feitas pelo psicólogo no processo de escuta do sujeito negro:

Como alguém se descoloniza? Como deve ser a descolonização do eu? E quais perguntas devem ser feitas para encontrar possíveis respostas? Devo perguntar, por exemplo, o que você fez depois do incidente do racismo? Ou deveria, em vez disso, perguntar o que o incidente do racismo fez com você? O foco deve estar na resposta ou na reflexão? A performance em relação ao outro *branco* ou os sentimentos em relação a si mesma/o? (KILOMBA, Grada, 2019, p. 226).

A atitude da psicóloga na escuta desse sujeito é de propor um espaço de fala, de expressão de sentimentos, que socialmente são silenciados, seja pela crença em uma “democracia racial” no país, ou na vitimização da pessoa negra. Escutar as consequências do racismo, e o que ocasionam no sujeito, é evidenciar que o racismo é uma atitude violenta, e tem consequências psicológicas para a autoestima da pessoa negra.

O sujeito negro tem uma vivência em situações de racismo, as quais possuem uma estrutura (sujeito negro/ sujeito branco/ público branco). Há uma constituição do “triângulo do racismo” (KILOMBA, Grada, 2019, p. 230), em que o negro sofre a situação do racismo, pelo sujeito branco, e o público branco observa a cena, dando apoio ao ato, seja pelo silenciamento, ou omissão.

Ocorre que sua atitude de resposta é explicar a situação do ato racista para o próprio racista, querendo ser compreendido. Porém o discurso racista já está estruturado previamente ou historicamente na construção psíquica do agressor. A situação racista acaba por mostrar-se irracional, para o sujeito negro, que tentou, mas não teve êxito em ser compreendido.

O aparelho psíquico do sujeito negro, para lidar com as situações de racismo, utiliza de cinco mecanismos de defesa do ego: negação, frustração, ambivalência, identificação, descolonização (KILOMBA, Grada, 2019, p. 235). Primeiro o sujeito negro nega que sofre, ou já sofreu uma situação de racismo. Ele não se vê como diferente dos outros sujeitos, se vê como igual em direitos. O segundo estado é a frustração ao perceber que existe uma diferença entre ele e os outros indivíduos, e que ela está baseada na cor da sua pele. O terceiro estado é o de ambivalência de sentimentos tanto à pessoa branca, quanto à pessoa negra, onde o amor e o ódio estão presentes nessa relação.

Esses sentimentos contraditórios a um mesmo objeto fazem parte do processo de identificação ao qual passa a pessoa negra, seja para identificar-se com o sujeito branco ou o sujeito negro. A identificação com a representação negra se dará pelo conhecimento da história, dos personagens que construíram uma história negra, como também da vivência com esse cotidiano, que pode ocorrer por meio de produções culturais (artes plásticas, música, literatura).

Acredito que ao psicólogo existe a possibilidade de trabalhar essa construção identitária por meio das produções culturais, pois a arte como representação de uma realidade, carrega consigo a temporalidade e a possibilidade de criação de novos sentidos, para a existência de pessoas negras. O que se busca é uma “identificação positiva com

sua própria negritude” (KILOMBA, 2019, p. 237), o que significa que o sujeito negro se sente mais componente nos sentidos de uma *negritude* construtiva.

Vejo que músicos negros brasileiros buscam aliar referências da história negra às suas imagens e performances artísticas. Há um trabalho de conhecimento de uma história que “não foi contada”. Como exemplo o *rapper* paulistano Emicida, que em 2020 lançou pela plataforma streaming de filmes Netflix intitulado “AmarELO - É Tudo Pra Ontem” (2020)¹⁶, que o artista apresenta um encadeamento da história brasileira, e principalmente de personalidades negras que foram fundamentais na luta por direitos civis e contra o racismo. Intelectuais negros expoentes como Abdias do Nascimento, que fundou o Teatro Experimental do Negro, a filósofa Lélia Gonzalez são alguns desses exemplos, pois “contar as nossas histórias é o que possibilita a auto recuperação política” (HOOKS, p.312).

Apenas imagens positivas, e quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da negritude criadas pelo próprio povo negro, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa alienação. Quando pudermos, em suma, nos identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva” (KILOMBA,2019, pg.154).

Acredito que esse movimento de conhecer uma história afro-brasileira é base para a saída do sujeito negro da ordem colonial a qual pertence. Ele já não mais se coloca como Outro do racismo, com a carga simbólica e histórica já discutida, mas sim como sujeito, único em sua forma de ser, pensar e viver no mundo. Importante ressaltar que esse sujeito descolonizado está inserido em uma sociedade que a luta pela ocupação de lugares de sentido epistêmico e ontológico continuam tendo que lidar diariamente com outros sentidos dados a sua identidade.

Importante as críticas trazidas por Nogueira (2019, p. 61-62) sobre a Resolução 018/2002 do CFP quanto à prática do psicólogo no combate ao racismo. Afirma a importância histórica da resolução, porém constata que as seis normas propostas, a primeira tem caráter propositivo, e as demais são proibitivas, sobre o que o profissional *não* pode. Isso demonstra que a prática psicológica ainda está fundamentada em teorias racistas ou que não conseguem analisar os diversos tipos de existências. Demonstra também a falta de proposições ou possibilidades de trabalho com o tema do racismo.

Afirma também Veiga (2019) da falta de discussão sobre a subjetividade negra nas graduações em Psicologia, o que acarreta uma formação de profissionais psicólogos

¹⁶ https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2020/12/08/315_documentario-de-emicida-amarelo-e-tudo-pra-ontem-deveria-ser-levado-as-salas-de-aula.html

que não estudaram o racismo e as consequências psicológicas para o sujeito negro, podendo realizar uma escuta racista, em um ambiente que deveria ser de acolhimento.

Considero que a escuta da psicóloga deva ser com base numa política antirracista, que significa o combate ao racismo e ao seu funcionamento. e que seja consequência do trabalho crítico do próprio psicólogo sobre sua conceituação de raça e identidade.

É com base na aproximação do psicólogo para com o sujeito negro em sofrimento psíquico causado pelo racismo, que a distância entre o que “a sociedade racista faz com o sujeito negro?” se modifica para “como profissional, posso utilizar dos estudos psicológicos para lidar tanto com aquele que sofre racismo, quanto com quem o promove?”.

Deve haver um processo de crítica do próprio psicólogo ao seu fazer psicológico pois ao profissional que deseja trabalhar com saúde mental da pessoa negra exige-se um compromisso na prática antirracista, pois esse profissional pode também ser agente reprodutor do pensamento racista, presente em Veiga (2019, p. 246)

[...] descolonizar não é apenas incluir na bibliografia as epistemologias até então silenciadas, mas colocar em questão o próprio lugar do psicólogo, situar suas marcas, seu lugar de fala, porque é desse lugar que ele exerce a escuta.

De acordo com o Atlas da Violência de 2020, os casos de homicídios de pessoas negras (pretas e pardas) aumentou 11,5% em uma década no Brasil¹⁷. O que se observa é consequência de uma política de segurança de Estado, ainda baseada no racismo institucional, e que tem levado também ao aumento de mortes de jovens, com o aumento de 13,3% no período de 2008 a 2018¹⁸. Essa política ou melhor, necropolítica, com base nos estudos de Achille Mbembe, tem matado grande parcela da população negra brasileira.

O ano de 2020 acompanhamos movimentos antirracistas pelo mundo. O Black Lives Matter (Vidas negras importam, trad. brasileira) iniciaram-se após o assassinato de George Floyd por asfixia realizado por um policial no Estado de Minnessota nos EUA¹⁹. Em um vídeo que mostra a abordagem do policial, Floyd está no chão, com o policial

¹⁷ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-08/atlas-da-violencia-assassinatos-de-negros-crescem-115-em-10-anos>

¹⁸ idem

¹⁹ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>

apoiado sobre ele, asfixiando-o com os joelhos. Suas últimas palavras foram “eu não consigo respirar”. Após esse assassinato, diversos protestos aconteceram no mundo, em outros Estados dos EUA, na Europa e no Brasil. Pessoas em sua maioria negra foram as ruas reivindicando pelo fim dessa política racista, e por espaço nas discussões sociais, um grito pela humanidade, e “importância” de pessoas negras.

Mostro a complexidade do tema, pois trabalhar com identidade negra na prática psicológica exige uma ação para além da escuta do sujeito negro. É parte do processo uma atitude antirracista do profissional psicólogo, contra o racismo estrutural, institucional, presente na própria área de conhecimento.

A aproximação com a “questão negra” e quero dizer suas alegrias e tristezas é capaz de promover mudança, tanto no profissional quanto naquele que procura ser escutado. É por meio do trabalho de aproximação do psicólogo com o sujeito negro que conta sua história, pois “estereótipos sobram quando existe distância” (HOOKS, bell, 2019, p.303).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou a pesquisa sobre identidade negra, representação negra nas artes e a importância das produções artísticas negras que discutem as temáticas da beleza, cultura e identidade negra para a re (construção) de subjetividade da pessoa negra e combate ao racismo. Observei que a Psicologia como área do conhecimento ainda tem explorado pouco essa temática, pois ao falar sobre saúde mental da pessoa negra, o tema do racismo se faz presente, e poucos mecanismos de combate ao racismo no trabalho do psicólogo têm-se apresentado, como também práticas para trabalhar com assuntos formadores da subjetividade, como a identidade.

Minha pesquisa foi importante para a minha formação como psicóloga pois possibilitou aliar áreas do conhecimento que tenho preferência que são a arte, com ênfase na estética, e a identidade e cultura, com ênfase na cultura afro-brasileira. Acredito que essa pesquisa possibilita estudos e reflexões de pesquisadores(as) da Psicologia sobre a importância do trabalho com sujeitos negros e suas subjetividades a partir de produções artísticas negras, que promovem a reflexão sobre o que significa “ser negro”, desconstruindo representações racistas e formando representações positivas no imaginário desses sujeitos negros, promovendo o acolhimento e saúde mental às pessoas negras.

Durante o desenvolvimento da pesquisa houve mudanças na metodologia, do uso de questionário semiestruturado, com entrevista de uma artista maranhense negra e seu público, para a metodologia do ensaio teórico. Logo observei que possíveis trabalhos de continuação dessa pesquisa serão a realização dessas entrevistas, com artista e público, abordando as temáticas presentes na produção artística, e sua importância para a formação de identidade e subjetividade negras, analisando a experiência de criação do artista, e a experiência estética de seu público.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo. A. **Práticas creativas de re-existencia baseadas em lugar: más allá del arte...el mundo de lo sensible**. -1ª ed.-Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

ALMEIDA, Silvio. L. de. **O que é racismo estrutural?** . Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARROS, M; LAURENTI, C. **Identidade: questões conceituais e contextuais**. Revista de Psicologia Social e institucional. vol 2 - núm 1 - **JUN./2000**. Disponível em: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. – São Paulo: Veneta, 2020.

EMICIDA. **Amoras**; ilustrações: Aldo Fabrini. -1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMEZ, Pedro. P. et. al. **Arte y estética en la encrucijada descolonial II**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

HALL, Stuart. **A questão multicultural**. In: _____. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação- Episódios de racismo cotidiano**; tradução Jesse Oliveira. -1. ed.- Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, A. F. de. **A identidade como “problema” de pesquisa. Revista Estudos contemporâneos de subjetividade-** v. 2, n. 2 (2012).

MALAFAIA, E. D. S. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra.** X Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE). Uberlândia/MG, 2018.

MATA, V. da. **Suicídio da População Negra.** Webpalestra Setembro Amarelo: Educação e Saúde na prevenção do suicídio. TelessaúdeBA, 2019. Disponível em: <http://telessaude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/Webpalestra-12.09.2019.pdf>

MATTOS, N. C. S. B. de. **A arte visual afro-brasileira: considerações sobre um novo capítulo no ensino da arte.** Brasília-DF, v. 6, n. 2, , **Revista Eixo-** Especial Educação, Negritude e Raça no Brasil, Novembro, 2017. Disponível em: <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/issue/view/82>

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**; tradução Manoel Paulo Ferreira- 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** - 4. ed. 2 reimp. - Coleção Cultura Negra e Identidades. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

NOGUEIRA, Simone G. **Libertação, descolonização e africanização da psicologia:** breve introdução à psicologia africana. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**- 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, E. C. Saúde para a população negra e seus desdobramentos: algumas abordagens. Kwanissa- **Revista de Estudos Africanos e Afrobrasileiros**- São Luís, v. 4, n. 7, Dossiê: Estudos africanos e Afro-brasileiros: pesquisas da primeira turma, p. 206-233, 2021.

PINHO, O. A.; SANSONE, L. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2nd ed. rev Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra : **uma política para o SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. – 3. ed. – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2017

SALIH, Tayeb. **Tempo de migrar para o norte**; tradução do árabe e notas de Safa Abou-Chahla Jubran. -2 ed- São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

SANTANA, R. G.. **A imagem do negro nas artes visuais no Brasil**: virada de paradigma, desafios e conquistas no ensino de história e cultura afro-brasileira. Sinergia, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 123-133, Jul./dez. 2017.

SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. **Psicologia e o discurso racial sobre o negro**: do “objeto da ciência” ao sujeito político. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37 (núm. esp.), 172-185, 2017.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana - São Paulo, 2012.

SENA, Rômulo M. de C.; MAIA, Eulália M. C. **Um uso do construto autoestima na pesquisa em saúde no Brasil: contribuições conceituais para a prática clínica**. Humanidades Médicas , [SI], v. 17, n. 2 P. 383-395, julho 2017. ISSN 1727-8120.

Disponível em:
<http://www.humanidadesmedicas.sld.cu/index.php/hm/article/view/1043>. Data de
acesso: 14 de maio. 2021

STAROBINSKI, J. É possível definir o Ensaio?. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 31, n. 1-2, p. 13–24, 2012. DOI: 10.20396/remate.v31i1-2.8636219. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636219>. Acesso em: 14 maio. 2021.

SOUSA, Neusa S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VÁZQUEZ, Rolando. **Aesthesis decolonial y los tiempos relacionales**. Entrevista a Rolando Vázquez, Calle14, n. 11, v. 18, p. 76-94, 2015.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal*, 31, 244-248. **Revista De Psicologia**, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000